

# REVISTA MENSAL

DA

## SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO



1.º ANNO. MARÇO DE 1869. N.º 1.



PORTO ALEGRE.



TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO.



1869.

## **CÔMMISSÃO DE REDACÇÃO.**

**Vasco de Araujo e Silva.**  
**Apolinario Porto Alegre.**  
**Lucio Porto Alegre.**  
**Aurelio V. de Bittencourt,**  
**Juvenio A. de Menezes Paredes.**  
**Hilario Ribeiro de A. e Silva.**

## **REDACTOR DE MEZ**

**Apolinario Porto Alegre.**

# PROGRAMMA.

O dia 18 de Junho de 1868 marcou uma grande época.

Ergueu-se um monumento.

Os alicerces forão lançados sob os auspícios de horrenda tempestade : . . . Parecia que terra e céos conspiravão contra uma idéa em sua sublime realisação.

Havia tudo a vencer, tudo a crear sem o sorriso lisonjeiro da esperança, sem as cambiantes de amena aurora, sem uma palavra de animação !

Os alvaneis do Parthenon erão apóstolos d'uma crença, como o forão Cephas e Paulo ; a uns e outros assistiu a mesma energia moral.

O culto ás letras constitue tambem uma religião, e, como toda a religião, não deixa de ter : um colissêo de martyrio, uma corôa de espinho e uma apothéose sobre a lápida que revestil-o.

O dia 18 de Junho abriu o cyclo litterario na provincia, que até então, não podêra reunir um nucleo, onde a luz civilisadora se concentrasse nos certamens scientificos, nos pleitos da tribuna e na discussão transcendente sobre o verdadeiro, o bem e o bello.

E' verdade que o pacto fundamental de nossos direitos realisára duas magesticas manifestações da liberdade e do pensamento : a imprensa e as câmaras ; porém, perguntamos : Essas duas formulas satisfazem as aspirações do espirito ?

Não.

São realmente arenas para o desenvolvimento de intellectualidades ; mas restrictas, mas de angusto ambito para os anhelitos de um povo que pensa e é livre.

O rosto popular abrange limitado numero de individuos, accrescendo que as questões ventiladas não podem affastar-se de certa e determinada esphera, como : os melhoramentos locais, a lucta e embate de idéas politicas, e em geral a jurisprudencia em suas varias irradiações.

No perimetro da imprensa quaesquer pensamentos podem ser exhibidos ; porém, inda perguntamos : Nossa imprensa satisfaz essas condições ?

Não.

Exuberantes causas impedem-n'a. Primo, emprezas d'essa ordem luctão com o indifferentismo e o elevado custeio que requerem ; secundo, quando não frizão-se aos interesses do commercio e industria, é quasi certo morrerem em embrião, motivo por que quasi todas são mercantis, excluindo mil outros modos da vida intellectual.

Além d'isso a receita mal cobrindo o dispendio, como podem consentir gratuitamente trabalhos litterarios e scientificos ?

Por tanto nem os prelos, nem os comícios provinciaes não preenchendo em toda a latitude os fins de sua creação, não podendo realizal-os na estreiteza das orbitas actuaes, não sendo mesmo de sua alçada a multiplicidade de conhecimentos, é certo que havia necessidade imperiosa d'uma nova instituição.

Esta, graças á boa vontade de alguns obreiros que medem a grandeza da obra pela extensão do sacrificio, veio felizmente a lumes.

E' o Parthenon litterario.

Referir como elle nasceu, foi e é — é formar uma cadeia com a serie de acontecimentos e peripecias por que tem passado, com as phases luctuosas de sua existencia e dizer-se :

Se ha élos que recordão glorias, comprarão-n'as angustias supernas, constantes lucias contra o scepticismo social, que ameaçava abater a cupola do monumental edificio.

O Parthenon creou uma tribuna, para a pugna oratoria; uma bibliotheca, onde reunirá as obras mais importantes relativas á grandiosa trindade de seus estudos : philosophia, historia e litteratura ; aulas nocturnas para os socios que quizerem dedicar-se sem difficuldades ao grangeio da sciencia ; e afinal uma revista tão necessaria, como as outras creações.

Porque creou a ultima ?

Na antiguidade o vôo e exhibição de ideias não tinha, como nos tempos modernos, limites emquanto ao local.

Aristoteles ensinava passeiando nas galerias do Lycêo, Zeno entre os fustes do Pecilio, Platão á sombra dos plátanos e oliveiras á margem do Cephiso, Socrates não desmerecia indo discutir com Aspazia em companhia de seus discipulos. As praças, ruas, porticos, alamedas e gymnasios servião de tribuna, de escola e de academias.

Hoje o invento de Guttemberg e Faust veio supprir esta falta.

Assim o comprehendeu o Parthenon, creando a revista mensal, que, vehiculo poderoso, irá ao longe levar os fructos de seus talentos e labutações

Creando-a, porém, exara em seu frontespicio a celebre divisa de Rousseau :

« Vitam impendere vero. »

Levitas sinceros d'um culto não podem ter outra legenda.

As auras beneficas da patria a prôteção.

Deus lhe dispense terno amor, como á vestal que guarda eterna sua capella de laranja.

A geração, que encontramos ao transpor os umbraes da existencia, tenha para a planta do nosso amor ao menos um sorriso que a vivifique, um vislumbre de animação, que, como o orvalho das noites, lhe innocente seiva e vigor, dando-lhe beleza e graças, fazendo a produzir flores balsamicas e fructos doirados.

A semente está lançada nos camalhões da litteratura.

Deem-lhe cuidados, e, em breve, gemmando a folhagem ao sol do faventio publico, ha de ressarcil-o cabal e latamente.

Se algum espirito sceptico então surgir, como Hamleto, lançando-lhe um rizo de sarcasmo, um olhar de duvida, temos por unica resposta ao arúspice de infortunio, só duas palavras de S. Agostinho : « Tole, lege. »

Erga-se e leia.

São as primicias da mocidade rio-grandense, que, arcando em extrema lucta contra a indiferença geral, tem odio para o passado, coragem para o presente e esperança para o futuro.

*Apollinaris Porto Alegre*

# OS PALMARES.

## ROMANCE HISTORICO

POR

APOLINARIO PORTO ALEGRE.



### INVOCACÃO.

Manitó das noites, da americana terra, escuta.

A brisa florestal perfumada nos calices da vegetação de Santa Cruz, ao tom de harmonias eólias, indolente desliza, na umbella do arvoredor. A natureza dorme então; mas pulsa-lhe o seio virgem, onde morão castas emoções; mas seu labio em sonhos desfere melicas notas, um tremulo abemolado; como os accordes de mourisca doçaina.

Não ouves? A natureza murmura pela voz da brisa: Colombo!

Colombo! Só repercute. E esta terra no desbotoar da pubescencia, ébria da volupia do primeiro amor que lhe esfolára o coração, estremece! Oscillar de virgem, em ondas de rubor, ouvindo o nome do que ama!

O marulho do oceano trouce um gemido á ourela das praias.

O jacy, triste como os múrmures da casuarina em horas mortas, soluçou no fastigio da montanha.

Das graníticas grutas dos Andes, circundadas de igneas cratéras e frigidós avalanches, o estridulo de azas, que se desatão, ouviu-se e reboou nos valles. O condor sopezado na amplidão dos céos, á luz das estrellas, bradou em sons de bronze: Colombo!

O Atlantico bufou n'um vagalhão das ribanceiras européas: America!

Maldição! Trovejou Tupan na magestica Borborema. E o echo cavernoso e horrivel levou sua voz d'um hemispherio a outro hemispherio.

Inda ajuntou o soberano da tempestade:

— Vomita tua prole nas terras nativas de Tupan, ó estranha gente de ultramar; vomita com ella teus vicios e crimes, como o fogo destruidor de tuas armas. Cresção em numero, como o mangue dos barrancos, como as luzes do céu, como as areias do mar, cresção, e um dia o braço de Tupan tornará em pó a ambição do forasteiro.

E quaes multiplos echos de petardos que detonão, sua diapazão foi lento e lento echoando nas cordilheiras.

! Ingratidão! Injustiça! Repetirão os seculos até a eternidade! Até o derradeiro dia dos dias do mundo.

Ouviste, Manitó, viste tudo isto?...

Pois bem. Corre a cortina do esquecimento sobre a tela, onde a recompensa do genio é um padrão de agonias.

Lápida pezada, como a mole das teocallis, anegue a iniquidade do mundo, assim como os pégos dos rios sepultão nas aguas turvas e estanques o aspecto da soriuba!

Manitó das noites, da americana terra, escuta:

— Vai, teu sceptro rompa o sello d'um moimento na fanatica Madrid; desperta á sombra dos cyprestes seculares o bispo de Chiapa.

Vai, e vem derramar-me n'alma as melodias de tua voz, e os trovões de tua colera; quero erguer-me e cinzelar na patria historia — esquecida lueta da liberdade contra a servidão e da servidão contra o senhorio.

QUADRO I.

VISÃO SECULAR.

Eil-o que vem nas plagas da patria !

Luminosa auréola lhe inunda as faces, reflectindo no argento da fronte !

Serena placidez se espaneja em seus labios, semelhante ao brilho da lua na tez d'um lago de berillo, na zona torrida ..

Divino e augusto é o porte do santo varão. Dir-se-hia um indigite engolphado nos raios de extreme gloria.

Traja alvas roupas talares, brancas como o collo do jaburú que passeia galhardo no debrum chrysopraxeo dos regatos, brancas como os flôcos de seda que a paineira desfia ao bafejar das auras !

Porém, entre os supercillios, um vinco se desenha :ahi paira um mysterio profundo, uma lenda de intima melancolia. O temporal cava a face lisa dos mares. O corisco sulca o céu de bonanças.

Que ideia triste adeja no semblante — manancial de doçura e sympathia ?

Quem o sabe ? !

Caminha a passo lento, a quem de S. Francisco, envolto nos folhos d'uma nuvem esplendida, como o sacrario de seu coração. Assim vem a flôr da carnaúba, dentro do espatho, antes de aspirar o effluvio mephytico da terra.

Qual, porém, o vulto que occupa cada uma de suas pégadas, e o segue, como a sombra par do corpo ?

Veste negra tunica. A ave dos cadaveres não tem mais negra aza.

Traz carregado o cenho sombrio, aninha n'alma uma noite de borrascas. Em seus olhos mora a caipóra dos paues, e a luz, que instillão, queifna como o cótão caustico da taurana. Seus labios, se vertem alegria, semellia á da boiquira, que magnetisa a insonte préa.

Manitó das noites, da americana terra, tu que afugentas os maus espiritos das matas e das ondas, diz : Quem é o lugubre phantasma ?

Um peito suspirou o farfalhar de mysticas melodias.

— Como poderá sabê-lo ? Não pediste um ? Um o tens.... Talvez o carancho fareje a jurity !....

— D'onde veio ?

— Desde as terras, onde o sol nasce, o vejo sinistro caminhando.

— Onde limita-se teu poder ?

— Nas praias onde o mar traça seus dominios.

— E o deixas avançar impune ?

— Não afugento a ignotas sombras.

E breve cicio cruzou os ares e tudo emmudecen.

Então a lua alevantava das aguas, fresca e limpida, como a garça de nitidas plumas ; e perpassando lesto seu olhar pelo dorso do plaino liquido, foi espreguiçava-se no verde avelludado dos convalles e serranias.

A nuvem rompeu a placenta e deitou na alcatifa do prado as duas sombras.

O negro espectro acercou-se do bispo de Chiapa. Este voltou-se surprezo.

Amargas lembranças traduziu lhe o rosto.

— Ainda tu, Sepulveda !

— Ainda e sempre, regougou.

Não era mais feroz o ronco da ariranha na profundeza dos peráos.

— Hoje a que vens n'estes sitios ?

Sorriu fatalmente, e disse :

— Contemprar tua obra.

— Nem o gelo do tumulo extinguiu os éstos de odio que apregoavas com affã, a sêde de sangue que nada saciava ?

— Julgavas que eu deixaria sobranceira tua doutrina ?

— E a eternidade?!

— Eternidade! E' tarde, Las Cazas. Deixa-me proseguir meu caminho. Aqui bifurca-se a estrada em dois ramaes, tu irás por um, eu por outro: mas antes quero rir-me aqui do véo de desgosto que ha de velar-te os traços.

— Que mau pensamento te entenebrece os olhos d'alma? Serás tão requintado monstro como me queres fazer crêl-o?

— Enibora! Venci-te sempre!

— Para desgraça do genero humano! Tu, em nome de Christo, pedias a destruição e captiveiro dos miseros selvagens, eu seguia trilho opposto: em nome do mesmo Christo invoquei a protecção dos povos civilizados para elles.

— E que resultado tiveste de tantas fadigas?

— Tu o sabes! E vergou a fronte nas dobras da mais funda melancolia.

Sepulveda riu desmesuradamente. Era um rir satânico sobre as miserias do proscripta raça.

O silencio restabeleceu-se entre ambos.

Só o respiro offegante da floresta sob a pressão da aragem quebrava a magica mudez que os cercava.

Ao longe, cinco leguas talvez, lobrigava-se a columna de evaporação de Paulo Affonso, que, aos reflexos do luar, despedia em todos os sentidos espadanas de cataes, rútilos variegados, mimosos cambiantes, e fornava tão fulgidos prismas, que a imaginação inebriava-se, contemplando-os.

Era um dos paineis sublimes do solo em que nasce a ibirapitanga!

Ambos estatelavão paços de admiração.

A alma de Las Cazas triava-se no fuste d'aquella columna diamantina que parecia unir céos e terra. Sepulveda cerrava os olhos, porque seu espirito repellia tanto esplendor!

O mio d'um jaguar penetrou a solidão.

Sepulveda sahio do recolhimento, espairoseu a vista em torno, e o primeiro fallou:

— Subamos á cimeira d'aquella penha, onde as nevoas dormem.

O outro não respondeu, caminhou.

D'alli largo espaço devoravão os olhos.

— Lembra-te, Las Cazas? tornou o pallido espectro, decorridos alguns minutos. A clepsydra do tempo gota a gota sorveu dois seculos! Ha duzentos annos eramos os chefes de arraiaes contrarios. Eu vertia os sentimentos do Vaticano, o cercilho e a estamenha erão laços que me prendião...

— Nunca! e o mesmo aziago sorrir tingiu-lhe o beijo cardeno.

— Ante o dever não surgem laços e lianças, ha a consciencia e Deus, como faes na senda da vida.

— Fui um fanático ou um hypocrita, não é?

Chispas ardentes fugião-lhe das orbitas, a voz estrebuxava na larynge e a colera crispava cada um dos seus movimentos.

— Como unica objecção, retrucou o bispo, com serena placidez, tens meu exemplo. A cegueira do fanatismo, como o fumo da caroba, não cegou-me; não velei o rosto, mentindo ao mundo e ao coração, para carear gozos temporaes.

O assecla de Cayetan enristava o corpo esguio, suas feições tomavão a expressão hedionda da iracundia.

O rosto de Las Cazas coava suave e pura luz. Era um diamante á borda do Itamarandiba, reflectindo as resteadas que uma estrella lhe envia.

O manitô das noites desfaldou a rémige de ouro incrustada de esmeraldas e rubins, e interceptou o gesto feroz do medonho trasgo.

Depois o socego desceu ao seio, onde a cólera abria as azas de chammas, e o sangue bulhava, como a ebullição da pororoca.

O manitô ergueu o vôo e pousou na ponta d'um rochedo alli perto, onde uma fonte, derramando languens suspiros em rythmo ignoto áquelles sitios, corria em los de chrystaes.

As esferas celestes proseguirão a eterna róta, a lua ia alta e a anhupóca pouco depois que ella apontára, havia descartado por entre a franja das selvas.

Em remota distancia, nas fraldas d'um morro, scintillavão os fógos d'uma povoação, quasi extinctos. D'ahi uma legua no manto denso das brenhas, volumoso vulto serpejava na sombra, como a caninana por entre a folhagem; á revêzes, quando um raio da lua cahia sobre elle, espadanava reverberos de damasquina lámina.

Dor profunda humectava a palpebra ao veneravel ancião, aljofares sobre aljofares resvalavão-lhe pelas faces, tal o cahuchú ferido pelo bibenne do trabalhador.

Porque chorava tão nobre coração ?

— A quem assistia, pois, jus e razão ?

Pronunciou Sepulveda, arrancando-o á effusão sincera d'alma recolhida nos ultimos reconditos. Choras !

Frio glacial derramava sua voz no ambiente fervido d'essa zona; echoava sinistro como o pio da strige na crypta, onde repousão os camucins d'uma geração que foi.

Elle proseguiu :

— Suggere-te o passado tristes reflexões a que... ?

O outro atalhou :

— O passado ! ? Que importa ! ? Plantei boa semente, que não vingou no futuro !

— Que importa ! ? O que lamentas então ?

— Um erro só me punge cruelmente.

— Então erraste ? ! E sorriu sardonicamente.

— Sim, fallibilidade de nossa essencia .... cahi, victima de preconceitos.

— E me accusas ! bradou com vehemencia ! O' venci-te, mínhas doutrinas germinarão na posteridade, que succedeu-nos, e a cada exploração ao Novo Continente, eu alcançava nova victoria. Cortez, Pizarro, Almagro, Valverde e tantos outros forão meus apóstolos. Venci-te, Las-Cazas !

Taes palavras comprimirão o coração do bispo de Chiapa, como o bramir da tempestade confrange a flor do cacto.

Cahiu de joelhos, exclamando :

— Meu Deus ! Ha quem regosije-se pelo mal !

A terrivel voz estrugia :

— Querendo deter a irrefragavel sorte dos indios, propuzestea substituição pelos filhos da Ethiopia. Que generosidade havia em semelhante acto ? A sorte das armas decidira a servidão dos indios, e disseste: Deixem os vencidos e tragão aquelles que, livres vagueião nos páramos africanos ! .... Vês ? Aquelles fógos que lampeião ao longe, são de Jubupira, cidade de negros revoltosos; e n'aquella floresta caminhão brancos sequiosos de vingança. Amanhã a morte alli entrará, e com os dedos ensanguentados tocará desde a criança suspensa ao collo materno até o octogenario de debeis forças ! Amanhã, inda que seja sob a lagea da tumba, bradarei :

— Las-Cazas, agora venceste !

Se ambos peccamos, igual sentença nos está reservada.

— Christo ! .... Christo ! Tu conheces minha innocencia !

Estrondosa gargalhada resooou.... rir de Anhangá sob o campo da pugna, coberto de cadaveres, juncado de moribundos, banhado de sangue... rir medonho e cruel !

Las-Cazas ergueu o porte magestoso, destendeu a dextra para o oriente :

— O sol vai nascer junto a um lago tão negro e infecto, como tua alma, e junto ao Josaphat, onde o Senhor ha de um dia distribuir justiça... Até lá...

— Até a eternidade ! repetiu ironico.

O macuco cantou.

Os primeiros alvares do dia doiravão a fimbria do horisonte.



Uma nuvem auri-rosea na asa de colibrios arrebatou a deslumbrante visão de niveas roupagens.

Sepulveda só, debatia-se como preso ao sólo.

O manitô collocou-se a seu lado.

Sua physionomia doce e terna tinha então o sello da calma precursora da tempestade.

As pennas do acangatar murmurarão sons incognitos e mysteriosos. Talvez, qual o oceano, presagia vão os pegões do vendaval.

Crusosos braços sobre o seio media da cabeça aos pés a tétrica lamia.

Dirieis um emissario de Deus ante o prescito, a quem vai descarregar tremendo castigo.

— Eras tu ? ! disse algim.

Esua voz já não vertia notas doces, doces como os favos da jaty; era como os aculeos da flor da jurumbeba: esta tão bella na palma provoca a cupidez de incauta mão, e fere se a tocão. Assim sua voz magoava quem o ouvisse.

— Eras tu, a ave maldita que cantou sobre o copé dos filhos de Tupan ?

Sepulveda tentou fital-o. Em vão ! Os resplendores, que rescendia, o deslumbrarão.

O sol apaga a luz nas retinas do vampiro.

Eras tu ! E o maracá souo com mais pujança do que quando ruge nas mãos dos moçararas ou piagas.

O penedo nultou até as visceras a súbita e estranha detonação.

— O Deus da Galiléa, salvai-me !

Exclamou o espectro de tunica mais negra que a pluma do urubú, genuflexo, as mãos erguidas para o céu.

— E' tarde ! tua eternidade começa !

Articulou uma voz na extrema do horisonte.

O manitô tocou com o — curabi do mando a rocha, que abriu largo abysmo sem raios.

Um ai se ouviu e como o choque do corpo que vai rolando nas trevas d'um despenhadeiro, rompendo aqui denso manto de arbustos, lá chocando uma protuberancia de pedra e argila.

Simultaneamente no espaço resoou o estridor de azas que se desferião aos ventos do infinito.

A estrella da manhã pallejava.

Lá vai o genio tutellar das duas Americas; lá vai magestoso para a região sombria além da montanha, onde vagueião as sombras de tantos guerreiros !

Vai, descansa que orao timido do crepusculo te ha de despertar.

Dormeentão... que á noite Cururupiras dormem á sombra do arvoredos.

(Continúa)

**PARECER**

**SOBRE A THESE PHILOSOPHICA :**

*Se o suicidio é ou não justificavel ?*

Collocado o homem n'este mundo, deveres lhe forão impostos, para, pelo cumprimento d'elles, poder chegar ao fim para que foi creado.

Este fim ninguem contestará; pois qualquer que medita sobre as obras do Creador, vê que, tudo n'este mundo devendo ter um destino, visto que a Suprema Sabedoria tudo fez intencionalmente, o homem, a obra prima da criação, não pôde ter sido excluído da intenção divina.

Conhecer e amar seu Creador, eis o destino do homem. N'este mundo é-lhe impossivel cumprir no todo esse dever; deve esperar completal-o em uma vida futura em que crê e espera por motivos de sua mesma criação; pois, dotado de intelligencia e consciencia, e — valendo a sua alma mais que a reunião de todas as creaturas — na phrase eloquente de Bagnenault, não deve esperar sorte igual destinada aos outros seres. Aquelle, pois, que compenetra-se da verdade do seu destino, crê na — Immortalidade —.

Tem o homem a cumprir: deveres para com seu corpo, para com sua alma, para com seus semelhantes e para com Deus. A these em questão está incluída nos deveres do homem para com seu corpo. Estes estão debaixo das duas maximas seguintes: I—Preserva teu corpo de todo o ataque á sua conservação e a seu desenvolvimento normal. II—Serve-te de todos os meios proprios para a fortificação e perfeição de teu corpo. (Saisset.)

Claramente se deduz das duas maximas que o dever de não attentar contra a sua vida, as abraça, e que está acima de todos os deveres para com o corpo.

Commette 3 grandes crimes o suicida: contra si, contra seus semelhantes e contra Deus.

1.º Contra si. — Esquece os deveres que lhe forão impostos para com seu corpo; priva-se de um bem que lhe foi dado para chegar um dia a gozar do seu Creador, tendo sabido comprehender esse bem; prepara para si um abysmo, d'onde já mais sahirá, pois esquece-se da vida futura e da justiça de Deus.

2.º Contra seus semelhantes. — E' -lhe indifferente a obrigação imposta a esse respeito nas duas maximas: I—Não impede a teus semelhantes de irem a seu fim. II—Ajuda a teus semelhantes a conseguirem o seu fim. (Saisset.)

Pela 2.ª d'estas maximas está o homem obrigado a exercer, quanto lhe fôr possivel, todos os beneficios para com seu proximo, já ajudando-o na sua subsistencia, já acompanhando-o em seus sofrimentos, dando-lhe beneficos conselhos, já finalmente servindo-lhe de exemplo na paciencia e resignação com que encara a dôr, o desprezo do mundo e as suas misérias. O suicida, pois, esquece esses deveres, e entende não causar damno algum á sociedade.

3.º Contra Deus. — Despresa as palavras da supplica que J. Christo ensinou a seus discipulos: Seja feita a vossa vontade (Saisset), sendo esta que cumparamos todos os nossos deveres; da vida que Deus lhe concedeu para usufruir, destitue-se como propria, e pensa a ninguem dar contas de seus actos, pois com o ultimo que pratica, entende acabar-se tudo.

Nem se diga que o suicida pratica um acto livre, porque não reflecte sobre elle; e para robustecer o avançado citarei um argumento de Mr. de la Luzerne em

que diz: Só é livre o que é voluntario; só é voluntario o que é feito com conhecimento e reflexão. Assim nossos actos irreflectidos não são — actos livres.

Conhecimento e reflexão são predicados que nego ao suicida.

Em eloquentes phrases descreve o conselheiro Bastos o suicida: «Elle pôde matar a esposa na acção de a beijar, o amigo na acção de o abraçar, o magistrado na acção de lhe fallar em justiça, o soberano na de lhe pedir alguma graça, e depois embeber o punhal ensanguentado em seu proprio seio.»

Devemos resignar-nos com a nossa sorte, e tendo sempre em vista, como bons christãos, as palavras da Imitação de Christo, citadas por Mr. Rattier em seu tratado de philosophia; — Na cruz está a força d'alma, na cruz a alegria do espirito, a consummação da virtude, a perfeição da santidade. ...

Assim tudo está na cruz, e tudo consiste em morrer. Só ha um caminho que conduz á vida e á verdadeira paz do coração, é o caminho da cruz, e de uma mortificação continua.

Não: o suicidio é um crime, e os crimes d'esta ordem não se justificão; só podem commettel-o, ou o louco sobre quem as faculdades d'alma não tem poder, ou o materialista para quem o dogma da immortalidade é uma chimera.

*José Theodoro de Sousa Lobo.*

Porto Alegre 20. de Junho de 1868.

---

1.ª SESSÃO ORDINARIA EM 10. DE JANEIRO DE 1869.

*Presidencia do Sr. Vasco de Araujo.*

A's 8. horas da noite, reunidos 20 Srs. socios, abre-se a sessão. E' lida e sem debate approvada a acta da antecedente.

Os Srs. Aurelio de Bittencourt, José Bernardino dos Santos e Achylles Porto Alegre requererão que se agradecesse a todos os Srs. socios e mais pessoas que coadjuvaram a commissão theatraal nos seus trabalhos para o spectaculo em beneficio da bibliotheca.

Foi lida a 1.ª acta da commissão de arrecadação dos livros, que foi á archivar.

Forão acceitos 3 socios effectivos.

Foi sem debate approvado um requerimento do Sr. Aurelio, em que pedia que se exigisse do socio correspondente na cidade do Rio Grande, Sr. Alfredo Luiz de Mello, copia das melhores poesias e uma noticia circumstanciada sobre a vida de D. Delfina da Cunha, que residiu na villa de S. José do Norte, e a quem denominavão — *Delfina a cega.* —

Pelo Sr. 2.º orador. forão cumprimentados dous novos associados.

Participando o Sr. 1.º Secretario que o socio effectivo Sr. José Theodoro de Sousa Lobo se retirára para a côrte, pelo que passava a ser considerado correspondente, procedeu-se á eleição para a vaga deixada na commissão de philosophia. A escolha recahiu no Sr. Luiz de França Almeida e Sá, que pouco depois foi sorteado para dar parecer sobre a these: — *A guerra tem sido ou não util á humanidade?*

O Sr. Appollinario Porto Alegre requereu a demissão do presidente honorario Dr. José Antonio de Valle Caldre Fiação, por não ter S. S. communicado ainda se acceitava a nomeação,

Fallarão sobre o assumpto os Srs. França, Appollinario, Barrão e outros, concluindo a discussão com a approvação de um requerimento do Sr. José Bernardino, pedindo uma sessão extraordinaria para o dia 17, afim de então tratar-se de diversas questões de transcendencia e urgencia.

Levanta-se a sessão ás 9 3/4 horas da noite.

O 2.º secretario,

*Aurelio V. de Bittencourt.*

---

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 17 DE JANEIRO DE 1869.

*Presidencia do Sr. Vasco de Araujo.*

A's 11 horas da manhã, presentes 22 Srs. socios, abre-se a sessão. E' sem debate approvada a acta da antecedente.

Foi lido um officio do Sr. Manoel Corrêa da Silva Netto, pedindo demissão por achar-se enfermo, e assim não poder comparecer ás sessões.

Outro do Sr. Dr. José Antonio do Valle Caldre Fião, explicando os motivos pelos quaes deixou de responder em tempo ao officio que se lhe dirigiu, communicando-lhe ter sido eleito presidente honorario.

Outro do Sr. José Bernardino, autorizando o Sr. Appollinario Porto Alegre a votar por elle na eleição de nova directoria, á excepção de alguns cargos, visto achar-se gravemente enfermo. Consultada a casa, por maioria de votos decidiu que não fosse aceita a procuração.

Forão acceitos 5 socios effectivos.

O Sr. 1.º orador cumprimentou a um novo associado, que tomára assento.

Apresentados pela respectiva commissão, forão discutidos e approvados, com as emendas offerecidas, os novos Estatutos. Notando a falta da parte relativa ás aulas nocturnas, o Sr. Vasco de Araujo pediu explicações á commissão, travando-se largo debate entre os Srs. Affonso, Appollinario, Vianna e Lucio Porto Alegre. Foi marcado o praso de 15 dias afim de ser apresentado o respectivo projecto, sendo nomeado para fazer parte da commissão o Sr. Aurelio, em substituição do Sr. Affonso, que pedira exoneração.

Foi sem debate approvado um requerimento assignado por dez membros da directoria, pedindo as suas exonerações dos cargos que occupavão.

Procedeu-se então á eleição de nova directoria, cujo resultado já é conhecido pela publicação das folhas diarias.

Adiantada a hora, o Sr. presidente designou o dia 24 ás 5 horas da tarde para a posse da nova directoria, e levantou a sessão ás 3 horas da tarde.

O 2.º secretario,

*Aurelio V. de Bittencourt.*

---

2.º SESSÃO ORDINARIA EM 24 DE JANEIRO DE 1869.

*Presidencia do Sr. Vasco de Araujo.*

A's 8 horas da noite, reunidos 22 Srs. socios, foi aberta a sessão. E' sem debate approvada a acta da antecedente.

Foi lida a acta da 2.ª sessão da commissão encarregada da arrecadação dos livros para a Bibliotheca.

Forão aceitos 7 socios effectivos e 5 correspondentes, sendo 4 d'estes residentes em Pelotas e 1 no Rio Grande.

Foi conferido o titulo de socios honcrarios aos Exm. Srs. Dr. Antonio da Costa Pinto Silva, D. Sebastião Dias Larangeira, Conde de Porto Alegre e coronel Philippe Betbezé de Oliveira Neri.

O Sr. Lucio requereu que quanto antes se tratasse da impressão dos Estatutos. Depois de ter fallado o Sr. Appollinario, foi approvedo o requerimento.

Tendo o Sr. Victorino José dos Santos Azevedo officiado á casa, pedindo a sua exoneração de membro da commissão eucarregada da confecção do regulamento para as aulas nocturnas, depois de ter orado o Sr. Menezes Paredes, foi-lhe concedida a exoneração; sendo nomeado para substituil-o o Sr. Appollinario.

O Sr. Vasco de Araujo leu em seguida um breve relatorio sobre a marcha da associação, convidando depois o Sr. Ernesto dos Santos Paiva a tomar o seu lugar, por ter sido eleito presidente effectivo.

Este, tomando posse, n'um curto discurso agradeceu a honra que merecêra, promettendo esforçar-se quanto podesse para elevar o *Parthenon* á altura que lhe compete.

Não havendo mais nada a tratar-se, por não ter sido apresentado o parecer sobre a these philosophica, levantou-se a sessão ás 9 horas.

O 2.º secretario,

*Aurelio V. de Bittencourt.*

## UM CONTO COMO MUITOS.

### PRODROMOS.

Corria o anno de 1867.

Estava-se no mez de Julho, mez de geadas hybernaes e calôres de verão.

Os camponezes não sabião mesmo a estação por que passavão..

Proseguia activa a farinha da; porém, lá vinha um dia em que a massa da mandioca azedava no côcho ou fazia estalar o ordume dos tipitins nas prensas.

Era um mez maldito!

Até a propria gramma dos prados que começava a pungir viçosa e com alegria do gado magro e famulento, se crestava ás bâtegas de gelo e aos anhéritos do minuano!

Por certo o diabo andava ahi.

Andava ... ninguem o duvida.

A prova, leitor, tereis no seguinte conto que, apesar de dar ensanchas á critica ronceira dos... (não diremos de quem...) apesar de mil defeitos, tem a boa qualidade de ser veridico. E' o que pôde resarcil-os, em nossa humilde opinião.

Porém... ao conto!

### A POSSESSA.

#### I. — PRELECCÕES SCIENTIFICAS!

A sciencia de Hypocrates modernamente fez uma descoberta que vai muito d'encontro aos livros sagrados. Só por tamanho sacrilegio o Papa e seu illustre conclave de barretes rubros devia pôr no Index a todos os medicos, cirurgiões, pharmaceuticos e a uma quarta classe composta dos discipulos de Hahneman, e de doutores dentistas que especulão com a saude e com os queixos publicos, como com qualquer empresa de caminhos de ferro ou cambios. Um reparo ainda. Não eximimos os medicos europeos importados para o Brasil com diplomas extra-muros. Talvez sejam mais perigosos!

Santo Padre, Index com elles...

Negarem verdades da Biblia! Que audacia!

Vaticano fulmina, fulmina sem remissão.

Recorda aos herejes as torturas de Galilêo que asseverava a fixidade do sol no centro do systema planetario; a peregrinação expiatoria de André Vesale a Jerusalém; a illustração dos padres de Salamanca discutindo com Colombo.

Isto sim, é bello, é sublime!

Oral! A medicina estabelecer que o diabo não entra no corpo de ninguem! E' heresia profunda.

Dizer que os possessos da Escripura não são senão doentes do — nervoso! Paradoxo estúpido! Como pôde crer-se semelhante cousa?

N'aquelle tempo Deus era differente do Deus de hoje. A civilização o transformou completamente.

Esquivo e talvez tambem de casaca e luvas de pellica, não queira emparelhar côm nosco.

Outr'ora pastoril, com ares de mestre de escola ensinava a humanidade. Os dous testamentos que deixou depois de sua morte no Golgotha, constituem sua sciencia e seu ensino.

Ella falla em corpos que recebem o diabo, e faz com que os povos apedrejem-nos. Como pois ha quem vá d'encontro a tão santas verdades?

Santo Padre, Index com elles....

## II.

Vamos a uma atafona na encosta do morro de Sant'Anna. E' noite. Faz-se farinha. As rodas das machinas rangem, movem-se e gritão no seio da noite. As pás do forno batem furiosas. E' o ruído do trabalho. E' a voz da vida.

Viajor, no paiz, onde encontrares machinas funcionando, a agitação de mós, e o borbórinho de gentes, conclui logo que esse paiz marcha, progride.

Este era o interior.

Por fóra o céo era negro e tremenda borrasca ribombava. Trevas, cahos!

Relampagos, trovões e coriscos succedião-se continuamente; quasi sem interrupção! Uma chuva de pedras de todas as dimensões zurzia o telhado e a frente da casa. Era uma tempestade como poucas. A geração que trabalhava n'aquelle atafona, não recordava-se de cousa igual. E a propria tradição talvez só tivesse para cotejo as scenas e peripecias do diluvio.

Em torno ao monte de mandioca estão mais de trinta pessoas. As facas lestas esfollão as raizes, porém, os pensamentos e a palestra versão sobre o tempo que berra e estraga fóra. As luzes das candeias pousão pallidas e versateis em cada semblante. A raspagem da mandioca que é o serviço mais alegre e animado, ora é triste e cheia de máos presagios. Os — *capotes* — são dados sem gracejos, os namorados não trocáo galanteios.

— Máo tempo! nunca vi cousa igual desde que a este mundo vim! Exclamou tia Brigida.

— Máo tempo! máo tempo! repetirão alguns acompanhando mái Brigida.

Um rapaz de mangas arregaçadas até os cotovellos, ajuntou:

— Má cara traz Sant'Anna! Hoje nem viola, nem tyrannas e chimarritas. Que o diabo supporte um tempo assim!

— Cala-te, estúpido. Ouves como troveja, e não contens essa lingua maldita, se lhe dirigiu outro, cujo medo pelos raios era proverbial.

— Estúpido! Eu podia... e mostrou-lhe uma enorme raiz de cananea; porém... mil raios te partáo!

Cavernosa e profunda detonação abalou céos e terra.

Todos olharão para o moço.

— João, accrescentou Brigida, mais respeito!

O silencio restabeleceu-se.

## III.

N'um quarto contiguo á atafona estava uma negra doente.

A pathologia acharia sérios embaraços em determinar os caracteres da enfermidade.

Ella não gemia, mugia. Não admittia roupas sobre si. Em vão luctava-se para tê-la coberta. Em vão! Cobertores e lenções, os arrojava longe de si; camisas e vestidos, despedaçava-os. Em quatro pés e núa, queria atirar-se no soalho e retouçar como os brutos. O grande Nabuchodonosor, dizem, acabou assim. Triste desvario o em que uma creatura humana, dotada de sentimentos elevados, de uma intelligencia superior aos outros entes do globo, vê-se n'um instante esbulhada de taes predicados, buscando descer á condição do quadrupede e do reptil!

Que enfermidade é esta?

Que nome dá-lhe a sciencia?

Nenhum. E' mais que a alienação mental e menos que a excentricidade de Albion.

Se fosse o desejo de ser passaro, inda ia bem; porque era uma aspiração a vôo. Voar, sondar os céos seria admiravel; porém, rastejar?!

E' uma degradação.

Antes ser pó que pedra.

O vento póde altear aquelle ao dorso das nuvens; e esta não sahe da terra. O pó a rodêa, a cobre, a domina.

A negra-assaltada de mal tão incomprehensivel chama-se Luiza. Nasceu em terras de Africa. E' mina de nação, segundo o sello do rosto. Alta e volumosa, feia e meio fula então; como effeito de febres e insomnias.

Dorme quasi sempre durante o dia; de noite berra e preenche perfeitamente as funcções de quadrupede, de que incumbiu-se.

Tambem não come menes.

Tornou-se gastronomia como um padre ou como uma avestruz.

#### IV.

— Mão tempo! Repetião os raspadores em côro.

— Eu só o que digo é que o diabo anda com este mez, insistiu João.

— Mais respeito, rapaz, o céu está feio! Tornava tia Brigida.

— Tia Brigida, cada um sabe de si e Deus de todos. Eu sei porque fallo... e vós mesmo tendes o exemplo em casa. Porque a negra Luiza grita d'um modo tão estranho? não é gemer de gente aquelle! O' diabo!

Os gritos da negra erão bem distinctos aos ouvidos de todos.

Os trabalhadores pararão os braços. Acharão alguma razão no dito de João.

Houve silencio profundo por instantes. Só o boi do cevadouro ruminava n'um canto, a negra mugia no quarto proximo, e a tempestade detonava fora!

Um iaterrrompeu este estado de expectação.

— Dizes, João, que sabes por que fallas... o que é que sabes?

— Eu vi... retrucou o outro com um gesto de intima convicção.

— Viste! Exclamarão. O que? Conta-nos isso...

João foi o alvo da attenção geral.

Elle estava pallido, merencorio e tremulo. As mulheres mais que os homens tinham *friagem no seio*, não esta da atmospherá, a do susto sempre mais poderosa e energica, sempre produzindo oscillação irregular do coração e regelo da medulla dos ossos.

— Ante hontem, começou elle, vinha eu da montanha com a fouce e o machado ao hombro. Ao passar pela casa de Anacleto o porqueiro, entrei. Conversando e tomando mate a noite desceu. Depois improvisamos uma dança, vierão mais rapazes da visinhança e eu esqueci-me de casa.

Era natural. A estrella da meia-noite apontou, quando eu sahia o ultimo. A noite estava escura como um carvão.

Ao passar junto a uma coivára foi que vi... ó inda se me arrepião os cabellos! Vinha montado n'um touro negro...

N'um touro! bradarão.

— Sim, o juro por minha alma.

Era um touro ligeiro aquelle! Corria mais que uma cotia... E elle vinha montado guapamente, trazendo um ponche encarnado e chilenas que fazião um barulho de atordoar... Seus cabellos e seus olhos parecião de fogo.

— Porém, quem?

— O diabo, respondeu João grave e solemne.

N'este momento tres pancadas na porta da atafona, sobrepujando a tempestade, resoarão cavernosas e mortuarias.

— Quem bate? Perguntou um que ia apertar as prensas.

— Uma pouxada... o temporal apanhou-me em viagem.

— Que diz, tia Brigida, abro a porta?

— Abre, abre, que é crueldade deixar um christão exposto ao tempo.

A porta abriu-se.

As candeias e vellas se apagarão, talvez á lufada que entrou.

Porém, a luz do forno dos beijus esclarecia a meio e destacaou o vulto do hospede.

Era o original da descripção de João.



Elle chegou-se ao monte de mandioca, saudou a todos com cortezia, e voltando-se para João que sentia então calafrios por todos os membros, disse:

— Esqueceste de fallar de meu chapéo de abas largas com plumas de gallo, e d'essas botas de couro da Russia, e... além d'isso da corrida de ante-hontem á noite. Admirei-te as pernas .. erão azas.

Tudo estava nuído e estatelado.

Elle mesmo accendeu as candeias; e disse:

— D. Brigida ha de consentir que raspe algumas mandioquinhas.

A pobre velha espantou-se de tratá-la pelo nome, porém, não teve animo de recusar o trabalho offerecido.

Não era das menos medrosas.

V.

Eil-o activo no trabalho.

As raizes de mandioca voão das mãos ao balaio com uma rapidez indisivel.

Está sentado n'uma banquetta. A pennã de gallo fluctua-lhe na cabeça como o distinctivo de sua realza.

Ninguem fallava em torno, um ou outro olhar o buscava de vizez, receiando encontrar o seu.

Era o terror soberano.

Ninguem ousava sequer pensar em abatel-o do pedestal.

Tia Brigida ousou uma interrogação.

— O Sr. é da cidade?

— Não, minha senhora, meu reino não é d'este mundo; apesar d'isto jacto-me de ser excellente medico, respondeu sem fixal-a.

Tambem ninguem honrou-o com um só relance d'olhos; apenas ouvirão sua voz abemolada e terna.

E no entanto era uma injustiça! O hospede tinha bella presença; era um esbello mocetão de cabellos ruivos, barba á ingleza e olhos que derramavão um incendio, que transbordava pelos vidros de oculos de aro de ouro.

Elle continuou:

— Se a senhora quizer utilizar-se de meu prestimo, nada de ceremonias. Gosto de franqueza plena.

— Obrigado, senhor. Tenho uma negra....

— O', interrompeu elle rindo-se, a Luiza!?

Todos ficarão horrorisados.

— Sim, meu senhor, conhece-a?

— Muito. Uma pagãa, nunca foi baptisada. Nem outra é a causa das gealdas, calores d'este mez e da saraiva, raios e chuva d'esta noute.

— E não ha remedio que possa cural-a? O' eu ficaria-lhe muito agradecida se pudesse cural-a....

— Impossivel! Minha sciencia se esborôa contra os poderes do inferno que laborão n'aquella alma. Oh não foi baptisada!

— Porém, inda é tempo de baptisal a.

— Quem diz á senhora que ella durará até amanhã?

A tempestade cresce—mão signal!

Calarão-se.

O estranho com espantosa alacridade acabára com um carro de mandioca:

Quasi só, e conversando, pois quando entrára o serviço a pouco tinha começado, e então em torno do monte apenas restavão elle e Brigida sós. Os outros tomados de susto panico esgueirarão-se furtivamente e forão entrando pelos mais remotos escondrijos da casa.

Quando a raspagem terminou, os dous interlocutores olharão-se. Estavão a sós.

As raras falripas de Brigida entesarão-se no pericraneo como cerdas de javali.

— O' não se assuste, minha senhora, eu sou o mais pacato cidadão do mundo.

E guardou na cinta sua faca que semelhava antes uma pá de alvanel.

Aquelle tolo de João, proseguiu o desconhecido impassivel e com tom firme, contava uma bem exquisita historia, quando lembrei de pedir pouso. Diga com toda a franqueza, acha o diabo tão feio como o pintão?

A misera velha tartamudeou; não se entendeu o que articulára.

— João mentiu descaradamente, continuou tomando um tição e accendendo um perfumoso charuto; os papalvos, deve confessal-o, achão poderosos recursos em sua propria imaginação para esboçarem a physionomia de outrem.... Porém, que loucura a minha, roubando-lhe as horas do somno!

Vá deitar-se. Plena franqueza. Eu me estiro na boca d'esse forno, e dormirei satisfeito. O fogo é meu elemento.

Brigida respirou e perguntou tremula e pallida:

— O Sr. não quer nem um mate?

— Nada absolutamente. Agradecido. Meu systema hygienico é de nada tomar á noute, mormente bebidas frias.

## VI.

Que formosa manhã raiou após a noute tempestuosa!

Os primeiros albores vinhão dourando o tópo dos serros, e o canto dos passaros já saudava a festiva madrugada.

Vamos á atafona.

Em cada palpebra ha o carymbo das insomnias. Má noute, por certo, a que passarão.

O trabalho está todo em atraso.

São poucos os tipitins nas prensas.

Ora, estas mesmas não forão apertadas, os fusos estão frouxos, as chapeletas bamboleão. A massa não enxugou.

Logo é dia em que não fornça-se.

— Que é isto?! Grita o visinho Juanico entrando, então hoje não accende-se o forno?

O' com mil diabos! Tanta gente e tão pouco trabalho!

Temem estropeiar os bois e cançar os braços? Foi medo do frio?

Ninguem respondeu á explosão ruidosada intimidade de Juanico.

Brigida e João lhe fizeram um aceno.

Elle acompanhou-os a um quarto.

O sol entrava aos borbotões por uma janella.

No chão havia um cadaver nú, hirto, nojento e com uma expressão tão medonha que arrancou um grito espontaneo do bom visinho.

Nem uma palavra trocarão.

Sahirão.

Mãi Brigida então tremula contou o que já sabemos, e.... mais alguma cousa.

Era o remate da historia.

A columna necessitava de capitel.

Eil-o:

— Não imagina, como senti-me perturbada, quando levantei os olhos e vi que estava a sós com elle! Todos haviam-me desamparado!....

— Porém, eu com razão, murmurou João....

— Não, não, tornou com energia; nos homens foi uma cobardia, mormente em tu, João... O' nunca hei de esquecer a vespera de Sant'Anna!

— Olhe a razão.... Comopodia valer-lhe, mãi Brigida, contra o demonio?

— Como?! Cala-te, é melhor. Com tua presença davas-me animo. Não esquecerei, eu te juro, os bons amigos de hontem... Na occasião de apuros, se lhes conhece o quilate. A lição foi boa.

— Vamos, porém, visinho, ao resto, interpellou-a Juanico.

— Tem razão. Eu dizia?... Ah! Deixei-o estendido junto ao forno com o seu chapéu de abas largas e penna de gallo. Não o vi mais.

Quando o relógio da sala deu a ultima pancada da meia-noite, a casa estremeceu a um grito feroz e horrivel da Luiza...

E a velha persignou-se.

Depois continuou :

O meu escravo Gabila cobrou animo e foi vel-a. Estava morta e o hospede havia desaparecido.

Toda a casa encheu-se de cheiro de enxofre.

Tambem o tempo estiou, e a noite limpou, como por milagre.

Junto ao fogo o hospede deixou-me um gato negro com uns olhos! Que olhos! Meu Deus!

E de novo persignou-se.

— Para enxotal-o e afugental-o, queimei alecrim... todos queimam alecrim. O bichano desapareceu, porém, ninguem inda pregou olho.

— E' estranho! E' estranho!

Resmungava entre dentes Juanico.

Ao romper do dia, ainda no lusco-fusco, um tropeiro conta que vira subindo uma nuvem um homem de chapéu de pennacho e ponche vermelho. Cavalgava um touro preto, levando na garupa uma cousa que parecia uma mulher.

Se o tropeiro fallava a verdade, eis o que não sabemos.

*Triema é seu*

*Compuz de Apollinario Porto Alegre*



## EMENTARIO MENSAL.

Vai alta a noite.

Eis-me pensativo em meu gabinete, reflectindo sobre a chronica da Revista que me fôra confiada, e sobre um dos mais cervaes detractores do *Parthenon*, o Sr. Monchique de Avintes Queiroga, a quem podia applicar-se a celebre phrase de Apelles : « *Ne sutor ultra crepidam* ».

Queiroga é uma esphinge moral na ordem dos bipedes implumes de Platão, os quaes Diogenes comparava bem ao gallo depennado que soltou nas ruas de Athenas.

Um typo de tanta importancia, de porte tão augusto no mundo do bello-horror, como hei de ter ás mãos, para apresental-o aos leitores ?

Queiroga !

Não ha dia, hora, minuto que elle não appareça ! E' nas salas, nas camaras, nas cosinhas de uma casa : é nas praças, nas bodegas, nas ruas, nos theatros, nos cafés, nos bailes e nos sarãos : Queiroga em toda a parte ! Queiroga em tudo ! por tudo !

Ubiquo, braços de zoophytos, Protèo multiforme, Lynceo e Argos simultaneamente ! Fallador eterno — que põe tudo sobre uma craveira que é só sua e tem a extensão que lhe apraz *ad hoc*, medindo a vida publica e privada sobre um leito de Procusto, vestindo a virtude e o crime com a tunica de Nesso !

Não dorme, vigila sempre ; não come, não bebe e vive eterno !

Conheceil-o, leitor ?

Não o vistes nunca, mas d'elle sentis sempre os ferreos acúleos que ferem, envenenão illibado nome e matão por vezes.

Como tel-o agora ás mãos para vol-o apresentar ?

Eis o problema implexo que põe a tratos o acúme de minha pobre intelligencia.

Ah ! está tudo resolvido.

Na estante jazem algumas obras de magia, empoeiradas por não compulsal-as ha muito.

Hombros á obra.

Como o Prospero da Ilha encantada executemos os preceitos da sciencia sobrenatural.

Traçado o circo cabalístico, pronunciei as palavras rituaes, e Ariel todo esbaforido barafustou por uma fresta da porta.

Não fiquei menos surprehendido que Aladino, pela apparição do genio.

Tambem era minha primeira evocação.

— Que me quer, nancebo ? Diz elle em tonramistoso, na mão tendo o chapéo, onde flutuava um pugillo de plumas de gallo.

Sente-se, e conversemos, abrevi-me a dizer, um tanto serenado do susto panico que me causára ao principio.

Não foi necessario repetir-lhe o convite ; sentou-se terçando as pernas com a maior sem cerimonia.

Offereci-lhe cigarros, acompanhando o offerecimento d'estas palavras :

— E' o que posso dar-lhe.

— Ora ! Exclamou sorrindo. Ariel é cosmopolita a toda a prova, vive na zona frigida como na zona torrida, toma um sorvete como um copo de lava.

Assemelhi-me aos politicos modernos em muitas circumstancias, lavo os pulmões em qualquer atmospheria com tanto que infra-se uma cornucopia de felicidades.

— Que riso lhe assoma aos labios, quando falla ! Parece um riso de sarcasmo e maldade !

— Quer saber como o adquiri ?

— Sabe naturalmente que doze annos estive entalado no tronco de uma arvore por habilidades d'uma megera ?

— Sim, li na tempestade de Shakspeare.

— Pois bem, a maldita feiticeira, morrendo, deixou-me ao ludibrio dos ventos e dos gracejos alvares de seu filho Caliban. O' quem pôde conceber o minimo de meus soffrimentos ? Quando estorcia-me em agonias, Caliban ria e alegre batia as monstruosas garras !

Foi então que impuz-me o martyrio sem demonstral-o no rosto, e mascarava-me com esta expressão terrivel que todos notão, mal me approximo.

Era a transcendencia do que em philosophia chamarão doutrina de Zeno.

— Depois de livre por Prospero, meu rosto não pôde perder as contracções grandeadas em tantos annos.

Minha imaginação sempre anciosa do maravilhoso errou por ignotos mundos ouvindo a historia do ente, sobre o qual mil fabulas mais ou menos engenhosas correm na aza da tradicção.

Assim estive longo espaço, quando Ariel me interrompeu, dizendo :

— Mancebo..... vamos, em que posso servir-o, pois me chamão ?

-- Lhe chamão ? D'onde ?

— De Manilha.

— Quem ?

— Um guapo hijo d'algo.... porém.... vamos, o que quer ?

Lembrando-me por que o evocára, perguntei-lhe :

— Conhece Monchique de Avintes Queiroga ?

— Um detractor, plagiario, libertino, ladrão, venal....

— Sim, sim, este mesmo.

— Não está sob minha jurisdicção, mas já o mando em companhia de Asmo-dão.

E sumiu-se como tenues vapores da noite a um beijo do sol.

Por instantes inda ouvi o zumbido d'um vôo que pouco e pouco ia adelgaçando.

Sentei-me junto á mesa e dei livre curso ao effervescente rio de idéas que builhava-me no cerebro.

Aquelle dia fôra fertil em acontecimentos, por isso cobril-o com o véo do raciocínio, era irresistivel tendencia do espirito.

O homem é poeta ao menos uma vez na vida, mas philosopho elle o é todas as noites, quando o corpo afadigado procura o frouxel do leito.

Ahi antes de conciliar o somno, põe na balança da razão as acções do dia : vive da actividade intima, da vida puramente espirital depois de ter, durante o gyro do sol, vivido apenas dos sentidos. E' a hora da consciencia assumir toda a magestade de sua realleza.

Por isso a chronica, Queiroga e Ariel occuparão-me quinze minutos, nos quaes percorri sómente o fôro intimo e os intermundios dos céos. A creação não entrou n'essa viagem do pensamento.

Quando voltei do fundo scismar, tive vontade de fumar.

O cigarro é um companheiro inseparavel das vigalias do trabalhador das letras.

Cigarros e café, — quem é que não os ama por noites de devaneios, nos periodos de — *spleen ou blue devils* ?

Que ha de mais perfume e sabor que o fructo da Arabia transformado em ambrozia ?

Que ha de mais lindo, gracioso, ethereo e diaphano que a espira do fumo que desenlaça no ar as formas torsas e alvi-saphyreas ?

E' tão doce o imaginar entre a basorada d'um cigarro e o hausto de arabico nectar, que o coração ama em arroubos de mysticismo, e pulsa sereno, puro e cheio de crenças e fé !

Fumo e café — são duas feições distinctas dos tempos hodiernos.

Como ia dizendo, preparava-me para fumar, quando estranho ruido que sahia d'uma botina no chão prendeu toda a minha attenção.

Era um borborialho como de duas vozes que disputão.

Embebi, maravilhado, os olhos na botina.... mas.... eis que jorra uma lingua de fogo!

Dou um grito.... e sahe de dentro, quem?

Alevinhem.

Asmodêo com Queiroga pela gola da casaca.

Não é sem razão que o chamão — demonio da lascivia — Os traços, segundo a opinião de Lavater, n'elle se apresentam bem distinctos.

Fez-me reverenciosa barretada, ajuntando:

— Eis aqui o Sr. Queiroga, que, para trazê-lo, estando em todo o mundo, foi-me necessario percorrer dois hemispherios e dois polos.

— Agradecido, Sr. Asmodêo.

Asmodêo pôz Queiroga de gatinhas e sentou-se sobre elle como se fôra sobre um throno.

— Moço, sei que vai escrever os fastos d'esses ultimos dias....

— E' verdade, respondi.

— Elle abriu uma carteira de notas e proseguiu:

Pois eu que diariamente percorro céos e terras, trago aqui o que lhe é necessario.

— Lembre-se, porém, que a revista é litteraria, ponderei.

— Não tenha receio, são relativos os apontamentos que trago. Escute.

E começou-me a ler o que se segue.

### Morte de Rossini

« O cysne de Pezaro » nascido em 1792, acaba de cahir na valla em que Cré-sos e Jobs, próceres e vassallos, se nivelão.

Estupida condição de nossa natureza!

E' o author do *Barbeiro de Sevilha*, *Othelo*, *Ermione*, *Donna del Lago*, *Zelmira*, *Semiramis*, *Conde de Ory*, *Guilherme Tell*, etc.

Esta, diz Vapereau, é a ultima palavra da musica. A graça facil e fecunda do genio italiano, este rhythmo tão claro e accentuado á riqueza de instrumentação e á intelligencia de harmonia dignas da Allemanha, soube adunar o poder da acção dramatica que caracteriza a musica franceza. »

### Retirada.

A litteratura e a politica excluem-se; ou só mantendor de uma, ou só de outra.

Mendes Leal desertára do El-dorado das letras, fôra para a Laponia da politica; mas ali o clima matava-o, a temperatura não era doce e tepida, os céos serenos e limpidos. os mares, rios e lagos não espelhavão as paisagens, os contornos da creação com essa limpidez de linhas, com essa graça e louçania que tanto agrada e deleita.

A flôr da zona viçosa e sempre revestida da chlamide das primaveras, desfilhava na zona, onde o sol apenas de tempos a tempos envia um olhar de vida, um sorriso de esperança....

A flôr, que se expandia ao rútilo celeste, e que ora mirrava-se ás bátegas frias dos vendavaes, queria mudar-se, e de facto mudou-se.

A andorinha que, offeiza a aza na tempestade, não pôde proseguir na emigração, quasi morreu envolta nas brumas hybernaes; porém, mal o tempo sanou a ferida ... e eil-a rompendo os ares em demanda de firmamentos que não sejam de chumbo; de florestas que não mostrem em cada arvore um esqueleto, em cada fonte

o vidro do gelo, em cada brisa um açoite de morte; de campos nus de relva, de cantos e harmonias!

Mendes Leal deixou os arraiaes da politica! Sua antiga tenda ha tanto deserta, solitaria e triste, vai de novo estremecer de contentamento á voz do author dos *Homens de marmore* e de *Calabar*, aos accentos da lyra que produzia o: *Ave, Cesar*, e mil outros canticos sublimes.

No *Diario Popular* de Lisboa encontra-se o repudio que faz o ex-ministro da marinha da vida que ha annos abraçára.

### **Brasileiro distincto.**

Diz a *Independencia Belga*, folha de Bruxellas:

« Um auditorio numeroso assistia quarta-feira passada na sala academica da universidade á leitura d'uma these apresentada pelo Sr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello, doutor em sciencias naturaes, e professor na academia imperial de bellas artes do Rio de Janeiro, afim de obter o grau de doutor aggregado da universidade.

« A these tinha por assumpto, como annunciamos ha alguns dias, a liberdade, o methodo e espirito de systema no estado da natureza. Na exposiçào, como na analyse de seu trabalho, o recipiendario deu provas de talento muito notavel que lhe valerão repetidas vezes os applausos do auditorio.

« Em consequencia a faculdade de sciencias decidiu por unanimidade que o Sr. Pedro Americo de Figueiredo e Mello havia passado pelas provas com a maior distincção, e conferiu-lhe o grau de doutor aggregado da universidade de Bruxellas. »

Aqui interrompi-o:

— Sr. Asmodéo, eu desejava dizer alguma coisa sobre bibliothecas; que informações dá-me?

O *Parthenon* está com a sua em principio, e como o auxilio publico tem sido por emquanto quasi nenhum, tenciono apresentar os dados estatisticos sobre algumas.

Uma bibliotheca, creio, é a premissa de que se pode concluir o adiantamento intellectual d'um povo.

— Tem razão, moço; não trago em notas, mas escreva que inda me lembro d'um ultimo recenseamento que fiz, escreva:

### **Bibliothecas.**

A bibliotheca de Pariz, a maior e mais amplamente dotada, possui 1:100,000 volumes e 80:000 manuscritos; a do arsenal, 200:000 volumes e 5:800 manuscritos; a de Santa Genoveva, 155:000 volumes e 2:000 manuscritos; a de Sorbonne 80:000 volumes e 900 manuscritos; a da camara (*hotel de ville*), 65:000 volumes. O total dos volumes das bibliothecas publicas da França chega a 6:233:000.

A Grã-Bretanha só possui 1:772:000 volumes. A Italia, 4:150:000 volumes.

São em geral obras antigas, que tratão de materias religiosas e ecclesiasticas.

Conta-se poucos livros modernos.

Na Austria, 2:488:000 volumes.

Na Prussia, 852:000 volumes.

Na Russia, 852:000 volumes.

Na Baviera, 1:268:000 volumes.

Na Belgica, 450:000 volumes.

A somma d'estes volumes apresenta o algarismo maravilhoso de 20 milhões de volumes.

O Doutor Alexandre José de Mello Moraes mimoseou a bibliotheca do lycéo da provincia do Piaulhy com 3:312 volumes, além de 1:366 pranchas da Flóra Brasilienses.

Escrevi isto, e Asmodèo continuou a leitura das notas :

### Memorial Patriótico.

Sob este titulo em breve se publicará na cidade do Rio Grande um volume contendo as poesias já conhecidas em relação aos dois grandes vultos do Rio Grande do Sul—Andrade Neves e Osorio.

E' inda um tributo aos invictos generaes, que comprarão os dominios da immortalidade e da gloria, com o gladio em punho, sob um céu de pelouros, sobre um chão inçado de abysmos e turbilhões de chammass.

As publicações na imprensa periodica perdem-se, sob a forma de livro perdurão.

### Cantos Meridionaes.

Inda sôa sonora a harpa divina d'um filho de Guanabara !

O author das *Nocturnus* e das *Vozes da America* ainda tem inspirações, sua voz argentina inda cõa-se no molde rhythmico dos versos, inda tem cantares para tão ingrata patria !

Inda não morreu sob o peso do indifferentismo? Sob a camada gelida dos desprezos? Inda afina o alaúde e golfa a ode pindarica, a elegia lamartiniana, o madrigal anacreontico, e a grandiosa blasphemia byronica ?

Salve, mavioso sabiá das margens do Guanabara !

Inda resalta aquella fronte loira, aquelles olhos azues como os céos, scismadores como os Walkirias que tem cantado, inda não se empanaram aos ventos do desespero ! ?

Nicoláo Fagundes Varella, inda és maior, mais sobranceiro, mais valeroso, porque resistes ! Eu te saúdo.

### Obra posthuma.

Publicou-se outro volume do sem rival e tão desventurado cantor dos *Tymbiras*.

Consta de dramas ineditos.

A unica recommendação que traz é um nome :

Gonçalves Dias.

Se hoje nada vale para o paiz, ao menos o futuro ha de acatal-o, como uma de suas mais mimosas e esplendentes glorias.

## EM PORTO ALEGRE.

### Publicações.

*Geographia de Vasco de Araujo e Silva para o ensino primario.*—Na instrucção da provincia até hoje tem sido admittidas as de Freeze e L. Burgain, a que acaba de publicar-se as sobrepuja em methodo, clareza, materia, e no que diz respeito a novas mudanças politicas; satisfaz emlim ás exigencias do ensino para que foi adaptada. Sahiu das officinas do *Jornal do Commercio*; boa impressão, nitido trabalho.



LIVRO DE ORAÇÕES, drama de Eduardo Salomé.—O que podemos dizer é que o publico applaudiu-o, quando foi á scena; applaude-se somente ao que agrada.

Sob o ponto de vista esthetico poderíamos fazer algumas considerações, mas é inutil, porquanto seu intelligente autor segue a escola de E. Sue, e nós seguimos a de G. Planche. Foi impresso no *Rio-Grandense*.

ALMA E OIRO, drama.—Em breve sairá á luz.

GUIA DA CONVERSAÇÃO FRANCEZA. Consta-nos que um trabalho d'esta ordem, de Carlos Hoefler, se acha no prelo.

JORNAES LITTERARIOS, *Relampago e Guayba*.

### Fervet opus.

*En avant ! En avant !* Mocidade estudiosa do Rio Grande !

O *Parthenon* envia um abraço de regosijo, amor e dedicação á sua irmã do Sul.

Haja firmeza, abnegação, sacrificios e trabalho assiduo da parte de seus obreiros, e o *Gremio Litterario* será uma brilhante realidade no mundo das letras.

Agora não ha que repousar.

— Eis, moço, o que eu tenho.

Ah! Diga tambem que a Suissa, a pequena Suissa vai levantar um monumento a Guilhermê Tell—o creador de sua autonomia politica, emquanto que o Brasil deixa o *Ypirongã* deslisar entre sentinas, e sobre a urna cineraria de José Bonifacio lança o gabão de insultuoso esquecimento.

Diga, não faz mal.

— Repetirei a reflexão textualmente.

— Inda tenho a fazer-lhe um pedido.

— Faça que meu agradecimento não o negará.

— Pois bem, como sabe sou protector de amores...Uma senhorita apaixonada acaba de compor um recitativo que aqui trago....Publique-o...A virtude! O dever! A's vezes são martyrios!

E Asmodêo desprendeu um sopro merencorio como um *de profundis*.

O recitativo é o seguinte :

Triste de mim ! Que cruel vida passo,  
Curtindo magoas de eternal amor,  
Vendo por terra as illusões doiradas  
Flaccidas todas despontando em flor !

Triste de mim ! A primavera chega  
Olente e tepida e me encontra em prantos,  
As aves vão da companheira ao lado,  
Fulgem os céos em divinaes encantos.

Triste de mim ! Que não possuo risos,  
Santo fervor que corresponde ao seu,  
Que nenias verto de saudade infinda,  
Que ousou negar-lhe o coração que é meu.

Triste de mim ! A quem fatal destino,  
Aponta um tumulo na idade amena,  
Triste de mim ! Que merencorio o vejo,  
E em doces beijos não lhe affogo a pena.

Triste de mim ! que a mocidade ardente,  
A' morte entrego em virginal roupagem !  
No entanto o seio convulsivo treme,  
Ama demente seductora imagem.

Triste de mim ! Quando fugir á terra  
Na câmpa escrevão : « Pobre louca ! amou,  
Amor em troca recebera sempre,  
Mas a virtude seu viver ceifou ! »

Agora, Sr. Queiroga, que tal acha o chronista do *Parthenon*, d'essa sociedade que o Sr. desde seus principios maltratou tanto ?

Queiroga não respondeu, estava mordendo-se de raiva, os olhos chispavão, as mãos contorcião-se.

Sabe o leitor quem é elle ?

Advinhem-n'ó.

E' a — *Opinião Publica* ! —

Good byé.

*domyus de Apollinari* <sup>Boccacio, pseud.</sup>

Com o pseudonymo — Boccacio — Apollinari *Notto Alegre* tambem collaborou em *O Industrial*, hebdomadario industrial, litterario e critico, apparecendo em *Notto Alegre*, no anno de 1870 — Tambem costumava assignar, ás vezes, apenas as iniciais — A. P. A.

# ELEGIA.

Oh! meu pai! oh! meu pai! como a memoria,  
Me reflecte alta noite a tua imagem,  
Por entre um véo de involuntario pranto!

*A. Herculano.*

Ah! misera condição! ah! triste vida  
Em que a seiva de minha juventude,  
Já vejo ir-se crestando emurchecida!

E tu és meu alçoz, sabia virtude  
Que nos carinhos paternos me arrancando,  
A duvida me apontas no ataúde.

Sim, partiste, meu pai, partiste quando  
De inexperito ministro, cegamente  
Ias dar cumprimento ao cego mando.

Soldado obedeceste, que altamente  
Dos brios de militar sempre zeloso,  
Attendias á patria diligente.

Mas ah! momento infausto! em que o só gozo  
Foi esse, e foi-me o ultimo..... um abraço  
Tão terno, paternal e tão saudoso.....

Não! ultimo não será, não que inda um traço,  
Um raio de esperança inda me resta  
No do céu, justiceiro, ultrice braço.

Aqui silencio lugubre que cresta,  
Dilacera o coração, golpeia o peito,  
Tudo, tudo junto a mim duvida empresta;

E lá ao soffrimento, á dor afeito,  
Talvez quantos suspiros e agonia  
Lhe mostrem dura morte a seu despeito!

Então infeliz pai (lembrança impia!)  
As saudades da patria e filhos caros  
Serão-te escura noite á luz do dia.

Em tanto, aqui correndo tão avaros  
Meus infelizes dias sem ventura,  
Em duvidosa pausa sempre amaros,

Em lucta encarniçada c'o a natura,  
— Hypocrita o coração, trazem fingido  
Em cobrir nos sorrisos amargura!

Sim ! despota cruel ! teu braço, erguido  
De meu pai innocente sobre o collo,  
Já vejo a todo instante, suspendido !

Oh !.... mas sejas a bem do infame dolo,  
Impellido ao do mar abysmo fundo,  
Açoutado, fugaz, de rijo Eólo;

E o teu corpo de crimes tão fecundo,  
Ergastulo d'essa alma vil e treda,  
Sepultura aterrado negue o mundo !

. . . . .

Mos da infancia indo, oh ! pai ! eu na vereda  
Como vives.... se vives..... de tua sorte,  
Sem que ao menos saber, se me conceda.....

— Das duvidas inquietas a cohorte  
Aos espantados olhos se me iguala,  
De catadura feia a horrivel morte.

Geral a ignorancia tudo cala,  
Só diz-me que viveis o pensamento,  
E tanto, o coração me vara e rala.


Alguem quer mitigar meu soffrimento  
E diz que contra a morte lá te escuda,  
A sciencia de ao fraco dar alento.

Consolo, doce balsamo, não muda  
Afflicção em prazer, o teu encanto,  
Mas calmas de meu peito a dor aguda.

Que ainda orando, aos céos as mãos levanto  
Na esperanza de um pai, que a piedade  
Virá desafogar meu triste pranto  
Em flebeis expansões—terna saudade.

Porto Alegre—Setembro—1867

*F. Antunes Ferreira da Luz.*



DILIA.

Desbrocha tuas azas chrystalinas,  
E junto á minha frente adeja  
Anjo lindo de Deus !  
Alimenta minh'alma com teu halito,  
E sem que eu não expire ás tuas plantas  
Não remontes aos céus !

Revive no meu peito as flores murchas,  
Resequidas ao sol do desalento,  
Anjo que tanto amei;  
Leva-me em tuas azas onde vives,  
Aponta-me o Jordão, onde bem cedo  
Meu corpo banharei.

Dá-me uma gota d'esse sangue ardente  
Que as veias infla de teu niveo collo,  
Anjo que tanto amei;  
Derrama esse rubim n'atra cicuta,  
Envolve-o n'essas fézes amargasas,  
Que tudo beberei.

Dá-me um annel de teus cabellos negros  
Que sopita na pyra de teus seios,  
Anjo puro de Deus !  
Dá-me um só riso de teus labios igneos,  
Que tudo n'este mundo deixarei  
Por um riso dos teus !

Efolha tuas azas, vem dizer-me  
Onde é o leito em que de noite dormes  
Anjo casto do céu !  
Quero sósinho ouvir teus sonhos bellos,  
Ungidos de pureza, e adormecer  
De encontro ao collo teu.

Porto Alegre, Julhode 1868.

*Achylles Porto Alegre.*



# TRISTESA.

De noite, quando a lua merencoria  
Sobre a face do lago a fronte inclina,  
E languida, subtil perpassa a brisa  
Embalando as florinhas da campina;

Eu sinto que minha alma pensativa  
Procura reviver dôce lembrança.  
A suspirar baixinho as horas passa,  
Vivendo do que foi—de uma lembrança !

Lembranças e saudade—é doce angustia !...  
Viver do que passou—que importa, é vida;  
E o pranto que requeima pelas faces  
E' balsamo do céo—cura a ferida !

E' balsamo do céo—bemdigo as magoas,  
O pranto que de noite embebe o leito !...  
Viver do que passou !—jamais se apague  
As lembranças de ti que guarda o peito !

Se minha alma levaste, se a perdeste,  
Que importa o teu sorrir—é tua ainda !  
Tu tens o meu passado, o meu presente,  
Terás o meu futuro, oh mulher linda !

Amei-te, amei-te muito ! Que pureza  
Encerra va esse amor que consagrei-te !  
Era o hymno primeiro de minha alma  
Esse amor que senti e que votei-te !

Amei-te, amei-te muito ! Amor mais puro  
Não foi o de Romêo por Julieta;  
Nem sentiu mais amor por Graziella  
O tristonho cantor, doce poeta !

Amei-te ! era um delirio—idolatrei-te !  
Minha alma virgem, pura, ao ver-te bella  
De amor se estremeceu, seguiu-te tremula,  
Palpitando e vivendo disse :—é ella !

Minha alma nunca amára e tu levaste  
O brilho virginal que ella continha !...  
Como a flôr da manhã perfuma as brisas,  
Em teu seio vasou o amor que tinha !

Amei-te, amei-te muito ! e como a brisa  
Deixa a flor da campina, e fôge esquiva,  
Fugiste ao meu amor; minha alma agora  
Suspira apaixonada e pensativa.

Porto Alegre, 1868.

Hilario R. de A. e Silva.

# O PROSCRIPTO.

Quero dormir na patria o somno eterno,  
Filiuto Elizio.

Na patria adormeci rico de crenças,  
D' affectos, d' illusões e de ternura;  
E despertei no exilio em plaga ignota  
Sem patria, sem amor e sem ventura.

O tedió que passou onde eu dormia  
Varreu-me d' alma a crença e mocidade,  
E despenhou meu ser em chão de bronze  
Onde não chega o sol da f'licidade.

De minha vida o lenho em mar revolto,  
Soffrendo do infortunio os mil baldões,  
Caminha pelo impulso embravecido  
Do sopro tempestuoso das paixões.

Nem sequer uma estrella de bonança  
Resplandece n'um ceu pesado, escuro,  
Apontando-me além um porto amigo  
Do vergel nas alléas do futuro.

Que importa? seguirei proscripto, errante,  
Per estranhos, incognitos palmares;  
Folha solta das arvores da patria,  
Que a sorte arremessou além dos mares.

Que me quer essa sombra que resurge  
Nos sonhos de meu peito enristecido?  
P'ra que vem recordar-me as horas idas  
D'esse tempo de amor esvaecido?!

Descansarei de vez longas viagens  
A' sombra, solitario, de um cypreste;  
Tronco despido ao gelo do abandono,  
Que a florida estação jamais reveste!

Se Archanjo da morte, em manso adejo,  
Em hora extrema, ao descair da sesta,  
Roçar nos labios meus, roubar-mê ainda  
Estesopro de vida que me resta;

Não deixem os meus restos regelados  
Expostos, dos estranhos, a irrisões;  
Levem o meu cadaver, mudo embora,  
A repousar na patria de Camões.

*Nicoláo Vicente.*

### A REDEMPÇÃO.

Luz meliflua de amor que n'alma esparges  
Delicias que sopitão no teu seio,  
    Bem sinto teu calor!  
Nitente astro do celeste empyreo  
Teus raios brandos já se quebrão ledos  
    Nas petalas da flôr!

Virgem formosa de madeixas loiras  
Vem, com os teus sorrisos de candura  
    Salvar-me dos escolhos;  
Retorno aos sonhos... um mundo de prazeres...  
Um céu de lindas côres já diviso  
    No azul de teus olhos!

Vem, archanjo do céu! entre teus braços  
Minha fronte escaldada une a teu collo,  
    Rehabilita-me á vida l...  
Que importa a lousa fique solitaria,  
É tombe ao furacão negro cypreste,  
    Se tu volves, querida-l...

Fui phantasma hediondo da taberna,  
E á voz da tempestade ergui meu grito  
    De descrença e de dôr!  
Vivi... — como se vive lá no inferno, —  
Divagando nas praias, como louco,  
    Sem alma, sem amor!

Com pés lodosos profanei sorrindo,  
Niveo sepulchro de marmorea pedra,  
    Em noites de luar!  
E aos braços nús, de sua cruz gelada,  
Juntei a fronte procurando embalde  
    Minha febre apagar!

Tive sede... e meus labios resequidos  
Recuarão das aguas do regato  
    Mais amargas que o fel!  
Corri sem norte, enlouquecido... exangue...  
E fui ennegrecel-os ainda mais  
    Na pyra do bordel

Mas tu ouviste da agonia o grito  
Que foi tão longe te vibrar nos seios...  
    E tremeste de dó!  
Lembranças doces te volverão n'alma,  
E tu correste a mim, antes que a morte  
    Me rojasse no pó!

O' vem, mulher querida! no meu peito  
Derramar com teus cantos d'harmonia  
    Meus amores de outr'ora!  
Esquece meu passado — essa descrença  
Foi porque de ti longe eu não podia  
    Viver uma só hora!